

# Impactos das Tecnologias nas Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

2

Francisca Júlia Camargo Dresch  
(Organizadora)



 **Atena**  
Editora

Ano 2018

Francisca Júlia Camargo Dresch  
(Organizadora)

# Impactos das Tecnologias nas Ciências Humanas e Sociais Aplicadas 2

Atena Editora  
2018

2018 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

**Editora Chefe:** Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Diagramação e Edição de Arte:** Geraldo Alves e Natália Sandrini

**Revisão:** Os autores

### Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

I34 Impactos das tecnologias nas ciências humanas e sociais aplicadas  
2 [recurso eletrônico] / Organizadora Francisca Júlia Camargo  
Dresch. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2018. – (Impactos  
das Tecnologias nas Ciências Humanas e Sociais Aplicadas; v.2)

Formato: PDF  
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader  
Modo de acesso: World Wide Web  
Inclui bibliografia  
ISBN 978-85-85107-75-8  
DOI 10.22533/at.ed.758180511

1. Ciências sociais aplicadas. 2. Humanidades. 3. Tecnologia.  
I. Dresch, Francisca Júlia Camargo. II. Título.

CDD 370.1

**Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422**

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2018

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

## APRESENTAÇÃO

Me coube a apresentação deste exemplar cuja tarefa é a de estabelecer uma linha de raciocínio dos textos que aqui constituem os 25 capítulos desta obra. Após a leitura cuidadosa dos artigos submetidos, procurei conexões entre os contextos e as dimensões que poderiam sequenciar as discussões – trouxe a reflexão Sociológica que definem a vida humana na Terra através da produção de bens e serviços, refletidas na organização social, econômica, política, histórica, educacional, ambiental, cultural expressas pelas relações biopsicossociais do humano em seus ambientes.

Deste modo, poderíamos interrogar se nascemos ou nos tornamos humanos? A pergunta nos remete primeiramente a reflexão filosófica – em que momento inicia a vida sabendo que dependerá da abordagem selecionada, não há uma definição única que seja capaz de defini-la assertivamente. Podemos tentar explicar pela Religião, pelo Direito, e/ou pelas Correntes Filosóficas. Então, simplificamos vida é o oposto da morte, resulta do movimento contraditório que repousa na certeza de que vivendo estamos nos aproximando da morte. E para as ciências sociais, nascemos biologicamente humanos e nos tornamos humanos ao viver em sociedades e, nelas aprendemos agir moral e eticamente.

O desenvolvimento tecnológico atual nos situa na Era da Informática e das Comunicações. Tais características têm possibilitado registros inovadores na história humana. Nos interessa pontuar que o paradigma Neoliberal empregado para o permanente crescimento econômico que estabelece os padrões de consumo é o mesmo identificado no esgotamento dos recursos naturais, especialmente ao refletir o distanciamento entre *“os que acumulam, dos que nada possuem”*. Ora se o Planeta dá sinais de esgotamento e se as relações sociais apontam para a exploração sem precedentes, nos parece lógico também pensar na responsabilidade social como alternativa de sustentabilidade entre o educar para produzir e o papel das tecnologias para desenvolver a cidadania.

Portanto a obra Impactos das Tecnologias nas Ciências Humanas e Sociais Aplicadas 2, defende que a vida é patrimônio a ser preservado. Reúne debates acerca de pesquisas empregadas nas organizações produtivas a partir das políticas que permeiam processos de ensino e aprendizagem das instituições sociais. A cada autor, nossos agradecimentos a submissão de seus estudos na Editora Atena. Aos leitores, desejo proveitosa reflexão na trajetória apresentada

Francisca Júlia Camargo Dresch

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
VANTAGEM COMPETITIVA EMPRESARIAL PELO USO DE SACOS DE PÃES ECOLÓGICOS POR PANIFICADORAS DE QUIXADÁ – CE.	
José Cazuza Lopes Neto Valter de Souza Pinho Marcos James Chaves Bessa Sérgio Horta Mattos Danielle Rabelo Costa	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>10</b>
A GOVERNANÇA AMBIENTAL E AS COMPRAS PÚBLICAS SUSTENTÁVEIS NA ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA FEDERAL	
Anaítes Maria de Moraes Silva Jaíra Maria Alcobaça Gomes	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>28</b>
A GESTÃO DE COMUNICAÇÃO <i>OMNICHANNEL</i> À PARTIR DOS EFEITOS DA TECNOLOGIA NUMA SOCIEDADE PLURAL, INOVADORA E PARTICIPATIVA.	
Ligia Fagundes	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>42</b>
ANÁLISE DA PAISAGEM RURAL DO MUNICÍPIO DE MARIALVA – PR: A EMPRESA BSBIOS COMO AGENTE INDUTOR DA PAISAGEM	
Isadora Pinheiro Lucas César Frediani Sant’ana	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>57</b>
CONSÓRCIO PÚBLICO INTERMUNICIPAL: UMA ALTERNATIVA VIÁVEL PARA A GESTÃO E O GERENCIAMENTO DE RESÍDUOS SÓLIDOS EM PEQUENOS MUNICÍPIOS	
Tassiana Justino Fernandes Maria das Graças de Lima	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>72</b>
A REPRESENTAÇÃO SOCIAL DA IDENTIDADE DO PROFESSOR UNIVERSITÁRIO, SOB O OLHAR DOS ACADÊMICOS EM INSTITUIÇÕES DE ENSINO PRIVADAS.	
Eudes Cristiano Vargas Larissa Siqueira Camargo Sandra de Cássia Franchini Leticia Grazielle Roque Adriano Pereira Cardoso Dênis Martins de Oliveira	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>87</b>
A EXPANSÃO DOS CURSOS PRIVADOS PRESENCIAIS DE SERVIÇO SOCIAL EM SALVADOR-BA: IMPACTOS PARA DISCENTES E DOCENTES	
Adriana Freire Pereira Férriz, Taís Ana de Oliveira, Thainan de Albuquerque e Santos,	

<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>103</b>
A COLETIVIDADE DOCENTE NA ELABORAÇÃO DE UM PROJETO DIDÁTICO-PEDAGÓGICO PARA A EDUCAÇÃO AMBIENTAL	
Paulo Vitor Teodoro de Souza Hélder Eterno da Silveira Iara Maria Mora Longhini	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>116</b>
O CONTEXTO VIOLENTO DO ESTADO CAPITALISTA E O BULLYING	
Giovanna Back	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>129</b>
O USO DOS PRINCÍPIOS DO DESIGN DE INTERIORES NA HUMANIZAÇÃO DA CASA DE APOIO	
Rubia Maiara Silva Marcon Larissa Siqueira Camargo	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>141</b>
TEORIAS DE APRENDIZAGEM DE SEGUNDA LÍNGUA: UMA ANÁLISE CRÍTICA	
Laysa Cristina de Oliveira	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>153</b>
USO DO KAHOOT COMO FERRAMENTA DE APRENDIZAGEM	
Ernane Rosa Martins Wendell Bento Geraldês Ulisses Rodrigues Afonseca Luís Manuel Borges Gouveia	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>160</b>
O USO DAS REDES SOCIAIS NA CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO	
Juliana Santos Alves Paulo Sergio Machado Leila Maria Araújo Santos	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>168</b>
TECNOLOGIAS MÓVEIS EM CONTEXTO EDUCATIVO	
Ernane Rosa Martins Wendell Bento Geraldês Ulisses Rodrigues Afonseca Luís Manuel Borges Gouveia	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>178</b>
EVOLUÇÃO DOS ACIDENTES DE TRÂNSITO COM VÍTIMAS FATAIS EM ADULTOS JOVENS NO NOROESTE PARANAENSE	
Willian Augusto de Melo Maria Antonia Ramos Costa Neide Derenzo Verusca Soares de Souza Maria Dalva de Barros Carvalho	

<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>188</b>
BIPOLARIDADE ESTADISTA-IDEOLÓGICA: ELIZABETH I E PONTIFICADO	
Giovana Eloá Mantovani Mulza	
<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>195</b>
CONSIDERAÇÕES INICIAIS SOBRE A CONVENÇÃO JACOBINA NA REVOLUÇÃO FRANCESA	
William Geovane Carlos	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>205</b>
ANÁLISE DE TENDÊNCIAS DO CONSUMO MEDIADO POR DISPOSITIVOS DIGITAIS NO MARKETING DE RELACIONAMENTO	
Guaracy Carlos da Silveira Fernando Augusto Carvalho Dineli da Cost	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>218</b>
<i>CHILD OF THE DARK</i> : A PRESENÇA DA MULHER NEGRA NAS LITERATURAS TRADUZIDAS	
Tayza Cristina Nogueira Rossini Letícia Toniete Izeppa Bisconcim Wellington Júnior Jorge	
<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>229</b>
INTERAÇÃO UNIVERSIDADE-EMPRESA NO BRASIL: MOTIVADORES E OBSTÁCULOS - UM ESTUDO MULTICASOS	
Vivien Mariane Massaneiro Kaniak	
<b>CAPÍTULO 21</b> .....	<b>240</b>
ANÁLISE DE ATIVIDADES LOGÍSTICAS: ESTUDO DE CASO EM UMA EMPRESA DO SETOR ALIMENTÍCIO DO NOROESTE PARANAENSE	
Renan Araújo de Azevedo Daniel Mantovani Aline Takaoka Alves Baptista Leandro Ferreira Pinto Amauri Henrique de Carvalho Júnior	
<b>CAPÍTULO 22</b> .....	<b>252</b>
O PROGRAMA DE EXCELENCIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA E A SISTEMÁTICA DA GESTÃO DO CONHECIMENTO ESTRATÉGICO NAS ORGANIZAÇÕES ESCOLARES DE EDUCAÇÃO INFANTIL NA CIDADE DE SARANDI – PR	
Tânia Corredato Periotto Fabiana Azevedo Picanço Tamires Selini Gouveia	
<b>CAPÍTULO 23</b> .....	<b>259</b>
ESTUDOS DA LITERATURA SOB A VERTENTE DO LETRAMENTO: A LENDA DE RUFF GHANOR E O UNIVERSO MULTIMODAL	
Letícia Toniete Izeppa Bisconcim Tayza Cristina Nogueira Rossini Wellington Júnior Jorge	

**CAPÍTULO 24 .....271**

ESPORTE, MÍDIA CONTEMPORÂNEA E (IN)VISIBILIDADE SOCIAL: ATUAÇÃO PROFISSIONAL COM AUXÍLIO DAS REDES SOCIAIS

Bruno Bember Lofiego  
Afonso Antônio Machado

**CAPÍTULO 25 .....282**

A CULINÁRIA UCRANIANA NA CIDADE DE PRUDENTÓPOLIS, PARANÁ: ASPECTOS DA IMIGRAÇÃO E A INFLUÊNCIA CULTURAL DAS COMIDAS TÍPICAS

Renan Valério Eduvirgem

**SOBRE A ORGANIZADORA.....291**

## TEORIAS DE APRENDIZAGEM DE SEGUNDA LÍNGUA: UMA ANÁLISE CRÍTICA

**Laysa Cristina de Oliveira**

Unicesumar

Maringá – PR (Polo Varginha-MG)

**RESUMO:** O estudo de uma segunda língua atualmente é muito importante devido a diversos fatores. Dentre eles estão as questões profissionais, de entretenimento e, principalmente, desenvolvimento de pesquisas. Com ênfase no ensino da Língua Inglesa como segunda língua, este trabalho busca analisar de forma crítica as teorias e métodos de ensino e aprendizagem de língua estrangeira, apresentando o contexto histórico e sua evolução na tentativa de compreender o processo e formação das abordagens em nossos dias atuais, intentando aprimora-las no sentido de poder oferecer, mesmo ao aluno da escola pública, um ensino de qualidade, onde ele possa fazer uso de seu conhecimento de forma efetiva, diminuindo desigualdades, fazendo uso da aprendizagem colaborativa como forma de construção social do conhecimento. A pesquisa será de caráter exploratório, usando meios de investigação bibliográficos, com base em levantamento de material publicado sobre o tema e de abordagem qualitativa com análise de conteúdo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Aprendizagem Colaborativa, Inglês, Métodos, Segunda Língua.

### 1 | INTRODUÇÃO

O estudo da língua tem sido objeto de diversos teóricos ao longo da história. Antiquados métodos dedutivos eram utilizados pela aristocracia até fins do século XIX, a chamada gramática normativa, herdada dos gregos e usada pelos gramáticos latinos que ainda fazem parte do nosso cotidiano. Porém foi a partir do século XX que podemos observar as várias mudanças paradigmáticas no sentido do desenvolvimento das teorias de aprendizagem de segunda língua. Houveram a linguística histórico-crítica e seu declínio; bem como o estruturalismo; e ainda uma teoria de base cartesiana: a teoria gerativa de Noam Chomsky. Perpassou-se pelo behaviorismo, por modelos de processamento de informação até chegarmos à interação social como base imprescindível para o aprendizado de uma segunda língua.

A aquisição de uma segunda língua, principalmente a Língua Inglesa, tornou-se atualmente uma imposição do mercado de trabalho, além de ser de grande necessidade no desenvolvimento de pesquisas científicas, aproximando as pessoas através da linguagem.

Paiva (2011 p. 144) define a língua(gem) como um “sistema dinâmico não linear e adaptativo, composto por uma interconexão de

elementos bio-cognitivo-sócio-histórico-culturais e políticos que nos permitem pensar e agir na sociedade” sendo o ponto principal a interação pessoal em contextos sociais porque o aprendizado de uma segunda língua é um processo interativo. Krashen (2013) é bastante específico ao colocar que temos duas formas diferentes de aprender sobre outra língua. Podemos adquiri-la ou podemos aprende-la. Não existe um consenso ainda sobre qual teoria seria ideal e, de acordo com Malone (2012), a pesquisa e avaliação das teorias existentes são necessárias para se desenvolver teorias de ensino de línguas mais úteis.

Zainuddin *et al* (2011) descreveu como principais métodos e abordagens no ensino do inglês como segunda língua: o método de tradução gramatical; o método direto, o método áudio-lingual; a sugestopédia; o período silencioso; a resposta total física; a abordagem natural; e a abordagem comunicativa. Podemos acompanhar a evolução dos métodos, comparando-os e fazendo uma análise apurada, buscando seus pontos fortes com a intenção de aprimorar os métodos utilizados atualmente e proporcionar aos alunos uma chance de galgar melhores oportunidades ao fazer uso do conhecimento adquirido na escola.

Vivemos uma época sem precedentes. Principalmente com o advento da internet a globalização é real. Não existem mais distâncias e dominar o idioma conhecido como língua franca é imperativo: seja no meio profissional, como forma de entretenimento ou para pesquisas científicas compartilhadas pela rede mundial, justificando a razão pela qual o ensino da Língua Inglesa passa por um momento de extrema importância.

Outro aspecto a ser observado é que, enquanto escolas particulares utilizam modernos métodos e recursos didáticos, a grande parte da população, que estuda em escolas públicas, fica defasada em função da pouca ou nenhuma habilidade da maioria dos professores de língua estrangeira moderna.

Como forma de aprimorar principalmente os métodos utilizados pelos professores da rede pública, busca-se uma melhora no ensino da Língua Inglesa em todos anos do Ensino Fundamental II além do Ensino Médio para, deste modo, efetivamente preparar o aluno para avaliações em concursos em que o conhecimento da língua estrangeira será cobrado.

Diante do exposto, busca-se uma análise crítica das teorias utilizadas no ensino de línguas transversalmente focando na investigação de suas mudanças diacrônicas. Ainda, através desta análise, busca-se investigar respostas que possam explicar métodos atuais com base em práticas do passado. Para isso, o principal questionamento é: De que maneira podemos aprimorar a forma como ensinar uma segunda língua?

Com base na indagação proposta, torna-se necessário, então, nos debruçarmos em um estudo analítico das teorias e métodos utilizados no ensino de uma segunda língua, com ênfase ao Inglês, com a intenção de oferecer aulas providas de técnicas mais modernas e abordagens como a colaborativa, onde os adolescentes e jovens possam aprender de forma efetiva, diminuindo desigualdades.

A pesquisa será de caráter exploratório, usando meios de investigação

bibliográficos, com base em levantamento de material publicado sobre o tema e de abordagem qualitativa com análise de conteúdo. Assim, a partir da bibliografia revisada, será evidenciado os métodos de ensino do inglês como segunda língua e sua evolução ao longo dos tempos analisando as teorias e buscando um método baseado na aprendizagem colaborativa que possa ser utilizado em escolas públicas no Brasil.

## 2 | PRINCIPAIS TEORIAS DE ENSINO DE SEGUNDA LÍNGUA

Existem muitas teorias e abordagens sobre o ensino e aprendizagem de uma segunda língua desenvolvidas ao longo do tempo. Larsen-Freeman e Long *apud* Paiva (2016) apontam para o fato de já terem sido propostas, pelo menos, quarenta teorias, métodos ou hipóteses distintas, embora ainda não se tenha chegado a um consenso sobre qual seria a mais efetiva ou qual explicaria o fenômeno do aprendizado de uma segunda língua.

De acordo com Jalil e Procailo,

“muito tem se discutido na área de Linguística Aplicada a esse respeito, principalmente no que concerne a questão de se existir (ou não) um método ideal e quais contribuições cada método pode trazer para o professor de línguas. Tal discussão provém da constante busca por um aprimoramento dos princípios que norteiam a prática docente e o complexo processo de ensino e de aprendizagem de línguas estrangeiras.” (JALIL e PROCAILO, 2009, pag.774-5).

Analisando do ponto de vista diacrônico, é possível nos debruçarmos sobre as principais abordagens e métodos postulados a partir do século XIX com o intento de avaliar seus aspectos positivos para o ensino e aprendizagem de uma segunda língua. Deste modo, será possível ao professor de língua estrangeira aperfeiçoar sua prática e ponderar sobre a possibilidade de sempre aprimorar suas abordagens adotadas em sala de aula.

### 2.1 Método Gramática-Tradução ou Método Tradicional (Século XIX)

Do ponto de vista cronológico, a primeira teoria que se tem registro é a Gramática-Tradução (GT), conhecida também por Método Tradicional ou Método Clássico, sendo a primeira teoria a ser utilizada no ensino das línguas clássicas como o Latim e o Grego (CHASTAIN *apud* LARSEN-FREEMAN, 2000). Este método era baseado no ensino de regras gramaticais, conjugações, traduções e cópias de frases como exemplo da gramática estudada, diversas vezes como um paralelo bilíngue entre textos (GOMES, 2011).

Como o objetivo principal na época era capacitar os aprendizes a ler textos literários ou religiosos, Leffa (1988 *apud* LUCINDO, 2006) menciona três passos básicos de aprendizagem no método que se estabelecia a partir de então, seria: memorização de vocabulário; estudo de regras gramaticais; e exercícios de tradução. De acordo com Malmkjer (1998 *apud* FERREIRA, 2008) e Richards & Rodgers (2001),

o aprendiz estudava a gramática da língua e lia textos com ajuda de dicionário e, por fim, escrevia uma tradução do texto. No método Gramática-Tradução (GT), a língua materna é o sistema de referência na aquisição da segunda língua (STERN 1983, apud RICHARDS & RODGERS, 2001). Outra característica marcante deste método é a tradução de sentenças. Uma vez sendo os textos da língua alvo complexos para os aprendizes, a língua materna exercia papel fundamental para a explicação de vocabulários e pontos gramaticais novos.

De acordo com Larsen-Freeman

“It was also hoped that, through the study of the grammar of the target language, students would become more familiar with the grammar of their native language and that this familiarity would help them speak and write their native language better. Finally, it was thought that foreign language learning would help students grow intellectually; it was recognized that students would probably never use the target language, but the mental exercise of learning it would be beneficial anyway. (Tradução desta autora).” (LARSEN-FREEMAN, 2000, p.11).

Ainda, Lado (1964) pontua que com o avanço pelo interesse das línguas modernas para a comunicação esta abordagem se torna inadequada. Infelizmente, observa-se que ainda nos dias atuais essa abordagem é utilizada em escolas públicas por professores de língua estrangeira. Sem o conhecimento adequado de seus professores, os alunos são expostos a realizarem traduções literais de textos e memorizarem vocabulários como forma de aprendizagem de uma segunda língua.

## 2.2 Abordagem Direta (1900)

Como uma reação contra o método da Gramática-Tradução que não se mostrava efetivo no alcance para a fluência em uma segunda língua, o Método Direto ou Abordagem Direta foi um movimento que começou na Europa por volta do início do século XX, opondo-se a prática proposta pela abordagem anterior. Nesta época, de acordo com Lado (1964), o contato direto com línguas estrangeiras se tornou significativo por conta da exposição a diversas situações como, por exemplo, viagens realizadas em busca de novas oportunidades, principalmente no Novo Mundo.

A base para a Abordagem Direta se deu a partir da criação do “Método Berlitz”, uma metodologia interativa ainda utilizada nos nossos dias. Este método enfatiza a fala e a gramática indutiva, fazendo uso de diálogos e recursos visuais como objetos, gestos e figuras em inglês, chamada “*realia*”. A primeira escola fundada por foi em 1878 e por mais de cem anos estas escolas têm ensinado línguas objetivando a ênfase nas habilidades de fala e compreensão ao invés da leitura e escrita (Stieglitz, 1955).

Assumindo a teoria segundo a qual aprender uma segunda língua ocorre da mesma forma que o aprendizado da língua mãe, a abordagem direta expõe o aluno à gramática indutiva enfatizando somente a fala através de prática de conversação.

## 2.3 Abordagem de Leitura (1930)

Esta abordagem foi criada por razões práticas com o intuito de auxiliar pessoas que necessitam apenas da habilidade de leitura da língua estrangeira. De acordo com West (1937), o Método de Leitura foi inventado por aprendizes de Língua Inglesa na Índia e de Francês e Alemão nos Estados Unidos que não tinham tempo para dominar toda a língua ou fazer o uso oral da mesma. Uma de suas principais características é o fato do aluno não ter que dominar a gramática, apenas reconhece-la.

O Método de Leitura é uma reação à impraticabilidade da Abordagem Direta, pois poucos professores poderiam usar a língua alvo de modo fluente para aplicar o Método Direto com sucesso. Neste sentido, como o intuito torna-se apenas facilitar a compreensão da leitura, o ensino da gramática da língua alvo se dá de modo restrito e os professores não precisam ter uma boa proficiência oral, uma vez que o idioma não é utilizado como uma ferramenta de comunicação no ambiente de sala de aula.

Braunger e Lewis (1998 *apud* Biddulph 2002) afirmam que a leitura é um processo interativo no qual os leitores se envolvem ativamente com os textos, construindo sua própria compreensão da mensagem do autor. O significado que eles fazem está no cerne do processo de leitura. O desafio para os professores é, então, proporcionar oportunidades, como ativar conhecimento ou fazer previsões, facilitando assim o desenvolvimento de estratégias eficazes para a compreensão de textos.

## 2.4 Abordagem Audiolingual (1940)

O envolvimento dos Estados Unidos na Segunda Guerra Mundial trouxe uma mudança significativa no ensino de línguas nas escolas americanas. O exército necessitava de muitos falantes de outros idiomas para se comunicar com seus aliados ou para lidar com falantes das nações inimigas (CALICCHIO e FERNANDES, 2016). O governo então solicitou às universidades que desenvolvessem um método no qual os estudantes pudessem aprender a se comunicar rapidamente em outras línguas. Leonard Bloomfield e Charles Fries foram os linguistas que desenvolveram o método que chamamos de Audiolingual. Nessa abordagem as repetições são enfatizadas no intento de habituar os aprendizes na língua alvo:

“In the audio-lingual method, the emphasis was on the memorization of a series of dialogues and the rote practice of language structures. The basic premises on which the method was based were that language is speech, not writing, and language is a set of habits. It was believed that much practice of the dialogues would develop oral language proficiency. The use of the native language was avoided. (ZAINUDDIN, 2011, p. 65) Tradução desta autora.

Embora seja inegável o benefício que recursos audiovisuais trouxeram para o ensino de idiomas e que eles são utilizados até hoje, a aquisição de uma segunda língua é apenas questão de hábitos constituídos. (CALICCHIO e FERNANDES, 2016).

## 2.5 Abordagem Cognitiva (1960)

A abordagem cognitiva da linguagem tem ênfase na cognição humana. Esta não foi uma metodologia usada em salas de aula, mas decorreu do aprendizado em disciplinas como psicologia e sociologia, em que se buscava a compreensão científica da aprendizagem de línguas. Nessa perspectiva, os cientistas tentavam entender como tal processo acontece dentro de nossos cérebros, comparando-os a computadores.

A abordagem cognitiva inspirou as pessoas a aprenderem como as línguas funcionavam. De acordo com o curso Teach English Now, da Arizona State University (2016), departamentos de linguística em todo o mundo colocaram uma lente científica para o estudo dos idiomas. Analisar a capacidade humana para aprender outras línguas permitiu estudos sobre princípios como recuperação, codificação semântica, retenção e transferência. A partir de tais estudos foi possível desenvolver formas de ajudar as pessoas a aprenderem melhor, possibilitando o desenvolvimento de novas abordagens que ainda são utilizadas efetivamente nos dias atuais.

## 2.6 Abordagem Afetiva Humanística (1970)

A partir da década de 1970 novos estudos sobre a aprendizagem de uma segunda língua vislumbrava a questão humanista, ou seja, entrosava a psicologia com pedagogia e que tinha o aluno como centro da aprendizagem.

De acordo com Larsen-Freeman (2000) a abordagem afetiva-humanista teve sua origem com o educador e psiquiatra búlgaro Georgi Lozanov que intentava eliminar as barreiras que as pessoas tinham ao aprender, levando em consideração os sentimentos delas para superar o medo de falhar. Com o uso de reforço positivo, dramatizações e resposta física total o aluno poderia ultrapassar o período silencioso de forma mais rápida, agilizando assim seu aprendizado. Este método, também conhecido como Sugestopédia, preocupava-se com o conforto dentro da sala de aula e introduziu um elemento que ainda é fundamental nos dias de hoje: a música.

Contudo, foi o norte americano Stephen Krashen quem primeiro fez distinção entre aquisição e aprendizado de segunda língua e ainda pontuou as cinco principais hipóteses acerca da aquisição de uma segunda língua. De acordo com Calicchio e Fernandes (2016, p. 63), sua teoria abarca, “além dos elementos relacionados à língua e ao contexto, a relação afetiva que o aprendiz precisa desenvolver com a aprendizagem”.

Krashen, na segunda metade dos anos 1970, apresenta os argumentos fundantes de suas hipóteses. No ano de 1982 o teórico postula que os adultos têm duas formas distintas e independentes de desenvolver competência em uma segunda língua. A primeira é a “aquisição de linguagem, processo similar, se não idêntico, à maneira que as crianças desenvolvem a habilidade na primeira língua”, sendo a aquisição de linguagem um processo subconsciente (KRASHEN, 1982). Neste processo a gramática é indutiva, soando certa ou errada se uma regra for violada. A segunda maneira é o

aprendizado, se referindo ao termo pela consciência do conhecimento da segunda língua (regras gramaticais acontecendo em um ambiente formal).

Krashen acrescenta que alguns teóricos de segunda língua tem assumido que as crianças adquirem a língua, enquanto os adultos somente podem apenas aprender (KRASHEN, p. 17). A hipótese de aquisição-aprendizado, entretanto, afirma que adultos também podem adquirir e que a habilidade de “captar” línguas não desaparece na puberdade, podendo os adultos acessar seus dispositivos naturais de aquisição de línguas como as crianças.

Além desta, temos ainda as hipóteses da ordem natural na qual prevê que adquirimos regras de uma língua em uma ordem previsível, independente da ordem como as regras são ensinadas em sala de aula; do monitor que reforça que produzimos em outra língua de forma inconsciente e que nosso conhecimento consciente monitora e faz correções, se necessário; do *input* onde Krashen recorre a um construto de Chomsky: um processador interno de linguagem característico dos seres humanos; e do filtro afetivo que é um bloqueio mental que impede os aprendizes de utilizar plenamente o *input*.

Apesar de inúmeras críticas que recebeu principalmente pelo fato de minimizar a importância do ensino formal do idioma, Krashen leva em conta a psicologia social e humanista onde destaca o filtro afetivo e sua significância dentro de sala de aula.

## 2.7 Abordagem Comunicativa (1980)

Nos anos 1980 professores e linguistas atentaram para o fato de que a comunicação em uma segunda língua requeria mais que o conhecimento de regras. Os alunos eram capazes de produzir sentenças dentro de regras gramaticais, porém, eles não usavam as mesmas fora de sala de aula, em situações reais. O sociolinguista Hymes (1972 *apud* Calicchio e Fernandes 2016) propôs uma competência linguística que considerava os elementos pragmáticos e semânticos, ampliando o conceito apenas gramatical proposto anteriormente por Chomsky. Para Hymes ser competente comunicativamente vai além do conhecimento linguístico que o indivíduo pode ter, a competência comunicativa é a capacidade de o sujeito circular na língua-alvo, de modo apropriado, composta pelo conhecimento tácito, que o indivíduo sabe consciente ou inconscientemente, e a capacidade para usá-lo.

Canale e Swain (1995 *apud* Calicchio e Fernandes 2016) aprofundam o conceito de competência comunicativa, trazendo-a para um contexto mais pedagógico e prático, descrevendo-a como um conjunto de quatro subcompetências inter-relacionadas: Gramatical; sociolinguística, discursiva e estratégica.

Com o ensino das quatro habilidades, a saber: oral – ouvir e falar – e escrita – ler e escrever - o principal objetivo é que o aprendiz se torne competente em sua comunicação, engajando os alunos em atividades que promovam o uso real da linguagem e os mesmos saibam se comunicar em contextos sociais. Esta é uma das

abordagens mais utilizadas em cursos particulares de língua estrangeira.

### 3 | A NECESSIDADE DE SE APRIMORAR O ENSINO PÚBLICO DE SEGUNDA LÍNGUA

A educação pública brasileira como um todo é considerada muito fraca, basta ver os resultados pífios de exames internacionais nos quais o Brasil fica sempre atrás de diversos outros países, inclusive da América do Sul, como Chile e Argentina. De acordo com a revista Exame, o Brasil está entre os piores em ranking mundial de educação ocupando o 65º lugar entre 70 nações avaliadas pelo PISA em 2015.

Diante deste quadro visualizamos a situação precária em que se encontra o Ensino de Língua Estrangeira. O estudo “O Ensino de Inglês na Educação Pública Brasileira”, elaborado pelo Plano CDE para o British Council, teve como objetivo entender as principais características do ensino da Língua Inglesa na Educação Básica da rede pública brasileira. A pesquisa procurou compreender o contexto do ensino de inglês no Brasil, abordando desde políticas públicas até as práticas cotidianas, coletando informações dos diversos atores envolvidos.

O Ensino da Língua Inglesa, que pertence à parte diversificada da Base Curricular Comum, é tratado na maioria dos casos como uma disciplina complementar, o que lhe confere um papel marginal, haja vista sua menor carga horária em relação às outras disciplinas. Como não há uma padronização é difícil mensurar o nível do que é ensinado em termos nacionais, pois não existem indicadores que avaliem a qualidade da oferecida pelas escolas.

De acordo com estudo do British Council,

“As principais dificuldades encontradas são indicativas de ambientes de alta vulnerabilidade social, onde se encontra violência dentro e fora da escola, excesso de alunos nas salas de aula, turmas desniveladas, falta de recursos didáticos, alunos com problemas básicos de leitura e escrita e a existência de funcionários com contratos de trabalho precários e insatisfação com seus salários.” (British Council, 2015, p. 09).

Os resultados apresentados em exames internacionais refletem os problemas enfrentados por todas as disciplinas, sendo o ensino da Língua Inglesa ainda agravado pelas dificuldades de formação dos professores e a sobrecarga de trabalho. Segundo o levantamento realizado pelo British Council, 69% dos professores se dedicam a mais de 6 turmas por semana e 65% lecionam mais de uma disciplina, geralmente Língua Portuguesa.

O paradoxo da má qualidade da educação e da alta cobrança de resultados no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) permeia a formação de nossos estudantes. Analisando especificamente a Língua Inglesa, como língua estrangeira moderna, podemos observar que os alunos das escolas públicas que não tem condições financeiras de buscar um curso de idiomas particular para aprimorarem seus conhecimentos são

altamente prejudicados. Desta forma, fica evidente a defasagem do ensino e o reflexo das dificuldades ao longo da vida estudantil, profissional e acadêmica do alunado.

### **3.1 Como o conhecimento dos métodos e abordagens pode aprimorar as técnicas do professor de Segunda Língua**

Os métodos refletem a consciência didática de cada professor, sendo a base de conhecimento do ensino. Suas ações são subjacentes à sua formação tanto como aluno quanto como professor. Cada um traz consigo suas impressões pessoais de como atuar da melhor forma.

Larsen-Freeman (2000) afirma que quando os professores estão expostos a métodos, solicitados para refletir sobre seus princípios e se envolver ativamente com suas técnicas, eles podem se tornar mais claros sobre o porquê eles fazem o que fazem. Assim, os professores tomam consciência de seus próprios pressupostos, valores e crenças.

O conhecimento das abordagens permite aos professores a escolha de que maneira lecionar e, principalmente, poder ensinar de uma forma diferente da qual eles foram ensinados. Sendo assim, são capacitados a escolher certos métodos em detrimento de outros. A possibilidade de saber adequar cada método com determinada classe - pois existem diversos fatores que diferenciam os alunos, tais como o nível de conhecimento e de interesse na língua alvo, idade e quantidade de alunos por turma – promove um aprimoramento no ensino-aprendizado, tornando as aulas mais eficazes e gerando resultados mais satisfatórios.

### **3.2 O Ensino Colaborativo como forma de viabilizar a aprendizagem**

O psicólogo bielorrusso Lev Vygotsky (1896-1934) já defendia, no início do século 20, o convívio em sala de aula de crianças mais adiantadas com aquelas que ainda precisam de apoio para dar seus primeiros passos. Conhecido como Zona de Desenvolvimento Proximal, este conceito se baseia na distância do que o aluno já sabe e o que se pode saber se houver alguma assistência sob orientação de adultos ou colaboração com os pares mais capazes ou mediadores: a distância entre o nível de desenvolvimento real e o nível de desenvolvimento potencial. De acordo com Vygotsky (1984 *apud* Zanella, 1994, p. 02), “a Zona de Desenvolvimento Proximal define aquelas funções que ainda não amadureceram, mas que estão em processo de maturação, funções que amadurecerão, mas que estão, presentemente, em estado embrionário”.

Nesse sentido, a criação de grupos de aprendizagem colaborativa com alunos em diferentes níveis de aprendizagem, embora próximos na capacidade para a realização das tarefas, constitui uma estratégia de mediação importante. Diante das habilidades individuais distintas de cada um, promover a troca de conhecimentos pode ser uma experiência enriquecedora.

A internalização dos processos cognitivos implícitos nas interações, bem como nas relações sociais visualizados por Vygostky é a base deste inovador modelo de construção de conhecimento e compartilhamento do mesmo, potencializando o ensino de língua estrangeira e utilizando a comunicação em todas as suas quatro habilidades – ler, escrever, ouvir e falar.

A aprendizagem colaborativa tem sido utilizada em cursos a distância, mas principalmente como forma de educação inclusiva. No ensino de Língua Inglesa, segundo Larsen-Freeman (2000), inovações tais como a aprendizagem cooperativa ou colaborativa não é um método abrangente de ensino linguístico, mas reflete práticas metodológicas interessantes e duradouras, complementando outros métodos.

Dentro do ensino colaborativo o professor assume o papel de mediador do conhecimento e propõe aos alunos trocas de saberes com os quais todos aprendem algo. Formar grupos de alunos onde uns ajudam os outros, em uma nova formatação de classe é interessante, pois, além de trazer benefícios a todos, torna a aprendizagem mais ativa por meio do desenvolvimento da capacidade de interação e do pensamento crítico. A construção do conhecimento acontece de forma social e autônoma, tirando o aluno da posição passiva e da mera transmissão de saberes, colocando-o no centro do processo de ensino-aprendizagem. De acordo Torres e Irala (2014), o professor atua na criação de contextos e ambientes adequados para que o aluno possa desenvolver suas habilidades sociais e cognitivas de modo criativo mediante o processo de interação com outrem.

A aplicação deste método no ensino da Língua Inglesa nas escolas poderia promover um grande avanço e uma melhoria no contexto geral. Como a prática de aprendizagem colaborativa pode assumir diversas características, é possível que haja dinâmicas e resultados de aprendizagem diferentes para cada contexto específico (TORRES e IRALA, 2014). Segundo alguns estudiosos desse tipo de aprendizagem, a interação em grupos realça a aprendizagem, mais do que em um esforço individual. Uma aprendizagem mais eficiente, assim como um trabalho mais eficiente, é colaborativa e social ao em vez de competitiva e isolada. A troca de ideias com outras pessoas melhora o pensamento e aprofunda o entendimento (GERDY, 1998, *apud* TORRES E IRALA, 2014).

#### 4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

O aprendizado de uma segunda língua é resultado de um processo de interação social. Ainda não se comprovou que um determinado método seja mais efetivo em detrimento de outro. Porém, é possível constatar que ao se analisar as principais abordagens utilizadas ao longo do tempo no ensino da Língua Inglesa, cada uma delas traz características que permitem ao aprendiz um avanço na aquisição-aprendizagem.

A aprendizagem colaborativa, mesmo não sendo uma novidade no meio acadêmico, ainda encontra barreiras dentro da educação tradicional. Professores das

escolas públicas brasileiras, em sua maioria, vivem o cotidiano de baixa remuneração, salas de aulas superlotadas, excessiva carga de trabalho e pouco ou nenhum recurso de aprimoramento profissional no que tange ao ensino da Língua Inglesa. Com poucos recursos disponíveis, os professores não conseguem atingir o nível de cobrança que é exigido em provas, como o Exame Nacional do Ensino Médio que é a porta de entrada da maioria dos jovens nas universidades. Tais discrepâncias podem ser sanadas através do estudo de abordagens que sejam factíveis diante do quadro apresentado.

Cabe aos educadores buscarem o aprimoramento de suas técnicas e didática de ensino, utilizando as qualidades que cada método pode oferecer e, ainda, inserir dentro da sala de aula o conceito de aprendizagem colaborativa, no qual os próprios alunos poderão se tornar sujeitos ativos neste contexto educacional. Sendo assim, o processo ensino-aprendizagem não está mais centrado na figura do professor, pois sua função será a de atuar na criação de ambientes adequados para que o aluno possa desenvolver suas habilidades sociais e cognitivas de modo criativo, através da interação social. Tais ambientes educacionais favorecem a construção do conhecimento de forma autônoma, desenvolvendo habilidades metacognitivas dos envolvidos a partir da troca de experiências.

Segundo Irala e Torres (2014), a aprendizagem colaborativa é uma filosofia que se adapta ao mundo globalizado de hoje. Se diferentes pessoas aprendem a trabalhar juntas na sala de aula, então elas provavelmente se tornarão melhores cidadãos do mundo.

Ressalta-se, enfim, a importância da interação dialógica, justamente porque o princípio fundamental do ensino de uma língua estrangeira está na comunicação. Cabe à comunidade docente a busca pelo aprimoramento desta prática na escola pública com o intento de direcionar o alunado ao pensamento crítico e, por conseguinte, possibilitar a estes alunos a chance de oportunidades igualitárias no que toca a aprendizagem e prática de uma segunda língua.

## REFERÊNCIAS

\_\_\_\_\_. **O Ensino de Inglês na Educação Pública Brasileira**. Elaborado com exclusividade para o British Council pelo Instituto de Pesquisas Plano CDE 1ª Edição; **São Paulo**, 2015. 48 p. Disponível: [https://www.britishcouncil.org.br/sites/default/files/estudo\\_oensinodoinglesnaeducacaopublicabrasileira.pdf](https://www.britishcouncil.org.br/sites/default/files/estudo_oensinodoinglesnaeducacaopublicabrasileira.pdf) Acesso: Dez/2017

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Estrangeira**. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/pcn\\_estrageira.pdf](http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/pcn_estrageira.pdf) Acesso em: Jan/2016.

BIDDULPH, Jeanne. **The Guided Reading Approach, Theory and Research**. Learning Media Limited, New Zealand. 2002. Disponível em: <http://learning.gov.wales/docs/learningwales/publications/130718-guided-reaching-approach-en.pdf> Acesso em: Nov/2016.

CALICCHIO, Fátima Christina e FERNANDES, Fábio Gonçalves. **Prática do Ensino da Língua Inglesa I**. Reimpressão Revista e Atualizada. Maringá-PR.: Unicesumar, 2016. 156 p.

CRYSTAL, David. **A revolução da Linguagem**. Trad. Ricardo Quintana. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2005. 151 p.

FIORIN, José Luiz. *et al.* **Introdução à Linguística – I. Objetos Teóricos**. 6ª Edição, 2ª Reimpressão. São Paulo: Contexto, 2012. 227 p.

GOMES, Almir Anacleto de A. **A Tradução no Cenário do Ensino de Línguas Estrangeiras**. Cultura & Tradução. João Pessoa, v.1, n.1, 2011.

JALIL, Samira Abdel; PROCAILO, Leonilda. **Metodologia de Ensino de Línguas Estrangeiras: Perspectivas e Reflexões Sobre os Métodos, Abordagens e o Pós-Método**. IX Congresso Nacional de Educação – EDUCERE, PUCPR, 2009. Disponível: [http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2009/2044\\_2145.pdf](http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2009/2044_2145.pdf) Acesso: Jun/2016.

KRASHEN, Stephen. **Second Language Acquisition: Theory, Applications, and Some Conjectures**. Cambridge University Press, 2013. Disponível em: [http://www.sdkrashen.com/content/articles/krashen\\_sla.pdf](http://www.sdkrashen.com/content/articles/krashen_sla.pdf) Acesso em: Fev, 2016.

LADO, Robert. **Language Teaching: A Scientific Approach**. Tata McGraw-Hill Publishing Co. Ltd. Bombay – New Delhi, 1964. 239 p.

LARSEN-FREEMAN, Diane. **Techniques and Principles in Language Teaching Second Edition**. Oxford University Press, New York. 2000. 189 p.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira. **Aquisição de Segunda Língua**. 1ª Edição. São Paulo: Parábola Editorial, 2014. 198 p.

SANTOS, Bárbara Ferreira; RIBEIRO, Marcelo. **Brasil está entre os piores em ranking mundial de educação**. Exame on-line. Publicado em 6 dez 2016. Disponível: <https://exame.abril.com.br/brasil/brasil-esta-entre-os-8-piores-em-ciencias-em-ranking-de-educacao/> Acesso: Jan/2018.

STIEGLITZ, G. J. (1955), **The Berlitz Method**. The Modern Language Journal. Retrieved November 13, 2015 from <http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1540-4781.1955.tb03457.x/pdf>

THEORIES OF Second Language Acquisition. **Teach English Now**. Direção e Produção: Dr. Justin Shewell. Arizona State University, Estados Unidos, 2016.

TORRES, Patrícia Lupion. IRALA, Esrom Adriano F. **Aprendizagem Colaborativa: Teoria e Prática**, 2014. Disponível: [http://www.agrinho.com.br/site/wp-content/uploads/2014/09/2\\_03\\_Aprendizagem-colaborativa.pdf](http://www.agrinho.com.br/site/wp-content/uploads/2014/09/2_03_Aprendizagem-colaborativa.pdf) Acesso: Jan/2018

WEST, Michael. “**The ‘Reading Approach’ and ‘The New Method System.’**” The Modern Language Journal, vol. 22, no. 3, 1937, pp. 220–222. [www.jstor.org/stable/317672](http://www.jstor.org/stable/317672) .

ZAINUDDIN *et al.* **Methods/Approaches of Teaching ESOL: A Historical Overview**. From Fundamentals of Teaching English to Speakers of other Languages. 3rd Edition, Kendall Hunt Publishing, 2011. Disponível em: [https://www.kendallhunt.com/uploadedFiles/Kendall\\_Hunt/Content/Higher\\_Education/Uploads/CH11\\_Zainuddin\\_3e.pdf](https://www.kendallhunt.com/uploadedFiles/Kendall_Hunt/Content/Higher_Education/Uploads/CH11_Zainuddin_3e.pdf) Acesso: Fev, 2016.

ZANELLA, Andréa Vieira. **Zona de desenvolvimento proximal: análise teórica de um conceito em algumas situações variadas**. Temas psicol., Ribeirão Preto, v. 2, n. 2, p. 97-110 ago.1994. Disponível [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-389X1994000200011&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X1994000200011&lng=pt&nrm=iso) Acesso: Fev, 2018.

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-85107-75-8



9 788585 107758